

GT 5: Direitos Humanos, Gênero e Sexualidade

Disk P@#\$\$%&!": o rap contemporâneo como resistência para mulheres negras

Ana Beatriz Alves de Sousa ¹

I. INTRODUÇÃO

O presente artigo se propõe a realizar uma análise da canção “Disk P@#\$\$%&!” da rapper Duquesa, com participação de Tasha e Tracie, utilizando a bibliografia de estudos de hip-hop e feminismo negro. Assim, o presente trabalho visa analisar as mulheres negras no rap contemporâneo nacional, que apesar de ocuparem cada vez mais espaço, continuam em uma posição de outsider, se manifestando constantemente em suas canções e posicionamentos em relação à desigualdade imposta pelo sexismo e o racismo. Em suas canções e posicionamentos também é possível notar a importância reforçada por Collins da autoavaliação e autodefinição da mulher negra, assim, essas mulheres estão, com seus discursos e canções, resistindo às imagens de controle sobre as mulheres negras no Brasil.

II. DESENVOLVIMENTO

Para realizar a análise aqui proposta, será utilizada a metodologia aplicada por De Carvalho; De Souza; De Abreu. (2022) no artigo “Branquitude, Imagens de controle e Desidentificação: uma análise de discurso textualmente orientada de raps produzidos por mulheres negras”. Neste texto, os autores analisam como as mulheres negras combatem imagens negativas sobre elas, criadas e perpetuadas

¹ Mestranda em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com pesquisa na área de Sociologia da Cultura, voltada para os estudos de hip-hop. Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), com ênfase em Sociologia da Cultura, Relações Étnico-Raciais e Estudos de Hip-Hop.

pela branquitude, com os discursos em suas canções, refletindo sobre a realidade e combatendo as representações racistas. A metodologia parte do conceito de imagens de controle de Collins (2019), associadas à Análise de Discurso Crítica. Na análise das canções selecionadas e Tássia Reis e Preta Rara foi possível identificar como as rappers reconhecem o poder das imagens de controle aliadas à branquitude e sua tentativa de perpetuar o preconceito racial, mas também empregam discursos de resistência à essas imagens

Do mesmo modo que pretendemos fazer, a análise se baseia na Análise de Discurso Textualmente Orientada (ADTO). Segundo Chouliaraki e Fairclough (1999), o discurso é um momento da prática social que internaliza e articula outros momentos não discursivos, ou seja, questões como raça, classe e gênero são parcialmente questões discursivas, sendo essencial para a análise observar os posicionamentos dos sujeitos que participam das interações sociais:

Chouliaraki e Fairclough (1999) partem de uma premissa de que a vida social é composta de práticas e que estas são, ao mesmo tempo, práticas habituais, ligadas a um particular momento e lugar, ou seja, sociohistoricamente situadas, e agência na qual pessoas aplicam recursos tanto materiais quanto simbólicos para (inter)agir socialmente (De Carvalho; De Souza; De Abreu, 2022, p.9)

Assim, os resultados serão observados a partir da Análise de Discurso Textualmente Orientada, observados os versos da canção e de outros materiais audiovisuais sobre as rappers, relacionando-as com a teoria de Rose (2021), Collins (2019) e Santos (2022).

“Piririm, piririm, piririm)
(Alguém ligou pra mim)
(Piririm, piririm, piririm) yeah
(Alguém ligou pra mim) yeah, uh

Ele liga no meu iPhone querendo uma noite daquelas
Adora essa vida que eu proporciono e diz que, na cama, eu sou perversa
Ele gosta de uma cavala grande, do tamanho da sua fome
Se você acertar o macete, essa noite chamo o seu nome
Hoje eu sou mulher que banca e brota na sua porta com uma Volvo
Bumbum GG, peitinho P, não vou sufocar usando bojo”

Anais do II Simpósio Internacional Práxis Itinerante: Juventudes e Direitos Humanos
13 a 15 de abril de 2026, UEL – Paraná

A música inicia com uma referência ao funk de 2005 de DJ Marlboro, “Atoladinha” e já nos primeiros versos da música, Duquesa coloca em pauta uma das dinâmicas das relações heterossexuais que são mais abordadas no rap: quem vai “bancar”, o papel do provedor. Segundo Rose (2021), é importante entender as canções produzidas pelas rappers dentro de um processo dialógico, considerando as contradições que também existem nos discursos das rappers, encarando assim a música popular como um produto de uma conversa histórica contínua em que ninguém tem a primeira ou a última palavra. Rose (2021) pontua como o rap feminino dos anos 80 e 90 nos Estados Unidos se utiliza da desqualificação do homem que não consegue prover financeiramente, o que reforça os papéis de gênero de um relacionamento heterossexual. No rap contemporâneo brasileiro, Duquesa também reforça como o papel do provedor é importante, mas traz uma inversão de quem vai ocupar esse papel, ele agora é exercido pela mulher e o homem fica no lugar de ser “bancado”.

Também constata-se que evocar um papel de gênero e realizar uma inversão na ocupação desses papéis é uma maneira de resistir a um estereótipo, através da inversão, assim, Duquesa está questionando estereótipos em relação ao papel da mulher e do homem no relacionamento heterossexual através da inversão. Segundo Abreu:

As formas como isso ocorre são elencadas por Hall (2016). Para o autor, os discursos resistentes utilizam três principais estratégias para combater estereótipos racializados. Em primeiro lugar, é possível inverter os estereótipos. Por exemplo, há momentos nas músicas em que os artistas negros se colocam em um lugar de equivalência com o que seria considerado sucesso para pessoas brancas. É o caso do polêmico verso “I might just be a black Bill Gates in the making” (“Eu posso ser um Bill Gates negro em formação”), da música Formation, de Beyoncé. (Abreu, 2022, p. 58)

“Se ele gosta de fartura, nunca mais vai ficar pobre
Uh, ele tem sorte
Uh, ele tem sorte
Ele queima enquanto eu sento forte, ama toda essa brisa
Quem é a dona da sua? Uou, esse puto é o amor da minha vida
Dupla personalidade, me sinto até a Hannah Montana
Ele é casado com a de black, mas puxa a minha lace de franja

Anais do II Simpósio Internacional Práxis Itinerante: Juventudes e Direitos Humanos
13 a 15 de abril de 2026, UEL – Paraná

Se perde no culo
Ele quer um pouco de tudo
Ele quer um pouco de tudo, uh”

Vemos que o discurso prevalece dando importância a ideia de poder bancar e prover mas também está invertendo a mulher de papel dentro da pauta da sexualidade, dentro de diversos gêneros musicais incluindo o rap o homem fala abertamente sobre se relacionar sexualmente com mulheres, colocando elas num lugar de objetificação, agora vemos Duquesa fazer o mesmo com os homens, a mulher passa a ocupar o papel de “dona”. Existe um grande debate em torno da crença de que ao expressar sua sexualidade a mulher negra corre um grande risco de cair no lugar da sexualização, Gonzales (1984) afirma como o estereótipo da mulata, herdado do período colonial, coloca a mulher negra num lugar de objetificação e hipersexualização.

Rose (2021) afirma que dentro do rap essas mulheres têm a oportunidade de desafiar as representações sobre elas, perpetuadas em muitos raps masculinos, diversas rappers incluindo Duquesa, Tasha e Tracie se mostraram irreverentes em relação às restrições sexuais moralistas impostas às mulheres, não deixando de mostrar o corpo quando e como queriam. As gêmeas respondem em entrevista para a UOL² ao serem questionadas sobre abordarem a sexualidade em suas canções, a polêmica e o questionamento está no fato de elas serem mulheres, já que o rap sempre abordou esses temas.

Hortense Spillers, feminista negra, argumentam que há um silenciamento da sexualidade da mulher negra, ou as mulheres negras são criaturas de posse sexual masculina ou elas são reificadas no status de não ser: Não existe espaço para uma identidade sexual autodefinida em nenhuma das alternativas. Para Collins (2019) existe um poder muito grande na autodefinição e autoavaliação das mulheres negras em relação a seus comportamentos para a superação de estereótipos, ou

² Por Nathália Geraldo, Tasha e Tracie ‘brabas’ do rap: “Homens se incomodam porque somos livres”, da UOL, em São Paulo. 29 de setembro de 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/09/29/tasha-e-tracie.htm>

imagens de controle, sobre as mulheres negras. Assim, acredito que seja importante que as mulheres negras estejam abordando sua sexualidade em suas canções, apesar da existência da imagem sexualizada da mulher negra, justamente para a superação dessa imagem, através da auto definição dessas mulheres em relação a sua sexualidade.

“Bo-bo-bo
Ele toca esse robô
Neguinho pitbull, manda descer licor
De moletom e couro, é meu esse vilão
Bola o ice nug, pede pra eu tacar fogo (fogo)
Bo-bo-bo
Ele vem puxando meu cabelo, aperta meu pescoço
Ele bate muito nessa bunda, só não deixa roxo
01 dos jogo, uma preta foda não gera insegurança
Você tá sem autoestima, mano
Pare de comer brancas”

No verso de Tasha podemos ver novamente a mulher negra expressando sua sexualidade e também abordando o tema das relações inter raciais para o homem negro, ao dizer “... uma preta foda nao gera insegurança. Você tá sem autoestima, mano, pare de comer brancas.” Tasha esta se referindo a como homens negros deveriam priorizar as relações com as mulheres negras e que nas relações com mulheres brancas existiria um risco para sua autoestima enquanto pessoa negra. Ao questionar o comportamento dos homens negros na canção, Tasha também aborda de maneira subjetiva o que Carneiro (2003) aponta sobre a violência afetiva sofrida pelas mulheres negras, como resultado do lugar de sexualização, são preteridas dos relacionamentos romântico-afetivos, enquanto mulheres brancas são escolhidas para serem as parceiras.

“Yeah, uh, yeah
Me acha louca, só viu sã
Tem uma fila grande, mas cê acha que é meu only fan
Telefone toca, uh, ele diz que é meu fã
Toda boa, mano, mas eu sou vilã
Se eu quero, eu tenho, se eu falo, eu faço
Não peço, eu posso, não é progresso, nem me liga
Não quer mais patricia, conheceu bandida
Ele quer cometer esse crime, só ouve MC Smith
Apaixonado nessa, uh, em outras ele sempre me procura
Só vai ter frustração

Anais do II Simpósio Internacional Práxis Itinerante: Juventudes e Direitos Humanos
13 a 15 de abril de 2026, UEL – Paraná

Junta todas, não dá uma
Uh, junta todas, não dá uma

Cartão black, igual a cor do meu car (car)
Bebida mais cara do bar (bar)
Amor, cê não tá com dura, é só me pedir que eu faço chegar”

Na parte de Tracie e o último verso de Duquesa é reforçada novamente a afirmação do poder econômico sobre seu parceiro, além de, como já dito acima, isso promover uma inversão do papel heteronormativo nas relações, também reforça a importância da ascensão social, do sucesso financeiro. Essa postura mais “empresarial” por parte dos rappers da contemporaneidade é explorada por Santos (2022), observa que existem mudanças nas mensagens trazidas pelos artistas, que antes estavam voltadas para a denúncia de vulnerabilidade social e racismo enfrentado pela população negra e periférica, baseada em uma análise do rapper Emicida e sua participação num comercial em parceria com o banco Itau, Santos reforça como os rappers negros começam a circular em ambientes anteriormente frequentados exclusivamente pela elite intelectual e universitária. Isso se confirma tanto nas canções de Duquesa e Tasha e Tracie como em suas parcerias com grandes empresas, como a Budweiser no caso de Duquesa e a KitKat no caso das gêmeas.

III. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tasha, Tracie e Duquesa são grandes nomes do rap contemporâneo brasileiro, têm conquistado cada vez mais espaço na indústria e têm resistido às barreiras do sexismo dentro desse ambiente, é possível concluir que as mulheres negras no rap contemporâneo nacional exercem, através do discurso em suas canções, críticas aos papéis de gênero das relações heterossexuais, assim como se mostram irreverentes as restrições sexuais socialmente impostas, ao expressar sua sexualidade da mesma maneira que homens cis heteros sempre tiveram liberdade de expressão em seus discursos no rap.

BIBLIOGRAFIA

Anais do II Simpósio Internacional Práxis Itinerante: Juventudes e Direitos Humanos
13 a 15 de abril de 2026, UEL – Paraná

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Racismos contemporâneos. Rio de Janeiro: Takano Editora**, v. 49, p. 49-58, 2003.

COLLINS, Patricia Hill. O poder da autodefinição. **O pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento; tradução Jamille Pinheiro Dias.–1. Ed.–São Paulo: Boitempo**, 2019.

DE CARVALHO, Alexandra Bittencourt; DE SOUZA, Jéser Abílio; DE ABREU, Mariana Sales. Branquitude, imagens de controle e desidentificação: uma análise de discurso textualmente orientada de raps produzidos por mulheres negras. **Lingu@Nostr@**, v. 10, n. 1, p. 43-64, 2022.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista ciências sociais hoje**, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984.

ROSE, Tricia. Barulho de Preto: Rap e Cultura Negra nos Estados Unidos Contemporâneos. Editora Perspectiva S/A, 2021.

VIEIRA, Daniela. A nova condição do rap: De cultura de rua à São Paulo Fashion Week. Estudos de Sociologia, 2022.

VIEIRA, Daniela. “Sonho Brasileiro”: Emicida e o Novo Lugar Social do Rap. Revista Nava, v. 4, n. 1/2, 2019.